

## **02º CONCURSO FNLIJ CURUMIM - LEITURA DE OBRAS DE ESCRITORES INDÍGENAS – 2005**

### **VENCEDOR:**

Relato de Beatriz Sales e Silva  
Caldas – M. G.

Este é um relato de experiência narrado mais pelo afeto do que pela teoria, segundo a poeta, o que a memória amou fica para sempre. É um relato que mostra como a leitura pode alavancar e criar várias possibilidades de uma prática pedagógica inovadora, mas que começa antes de tudo com o prazer.

Desde 2004, estou atuando como Pedagoga na recém-criada E. E. Indígena Xucuru Kariri Warcanã de Aruanã (Caldas, MG), que tem sido uma experiência muito significativa, mas também muito desafiadora. Um dos desafios que temos enfrentado é o processo de alfabetização e letramento. Buscando novas alternativas para o desenvolvimento do nosso trabalho, acreditei ser importante estar trabalhando com as professoras indígenas a função social da escrita.

Para tanto, utilizamos como recurso pedagógico a escrita de cartas. Mas escrever para quem? E foi aí que tudo começou.

Atuando também como pedagoga nas escolas E. E. Secretário Tristão da Cunha, Divisa Nova (MG), E. E. Professor José Castro Araújo, Poços de Caldas (MG), percebi que poderíamos desenvolver nosso projeto estabelecendo a troca de correspondências através dos alunos destas escolas. Segundo problema: como sensibilizar os professores e alunos para tal empreitada? Foi aí que a Literatura Indígena entrou na história.

Recebemos da Secretaria de Estado de Educação vários exemplares de livros de autoria dos povos indígenas de Minas Gerais para serem distribuídos nas escolas, cuja bibliografia encontra-se no final do texto.

De posse desse material, visitei as referidas escolas propondo à Direção e aos professores a possibilidade de estarmos desenvolvendo esse trabalho. Na escola E. E. Secretário Tristão da Cunha fomos com os professores até o laboratório Como

de informática, onde apresentei os livros e expliquei que também poderiam acessar a revista eletrônica BAY, no site da Faculdade de Letras da UFMG, no qual os alunos poderiam pesquisar e conhecer os povos indígenas de Minas Gerais. Deixei também dois documentários em VHS sobre os povos indígenas. Conversamos muito sobre a importância do desenvolvimento deste trabalho, ficando acertada a troca de correspondência com os alunos da E. E. Indígena Xucuru Kariri e a possibilidade da visita dos alunos à aldeia para conhecer os novos amigos. Acreditaram na idéia e começaram a desenvolver o projeto "Nossas raízes indígenas", realizado no Ensino Fundamental de 5ª a 8ª séries, dando ênfase aos indígenas de Minas Gerais que ficaram conhecidos através da leitura dos livros de autoria indígena e pesquisa na Internet. Por meio das pesquisas, os alunos fizeram gráficos, tomaram conhecimento do espaço ocupado e da região onde estão localizados. Trocaram correspondências, email, bate-papo na Internet, confeccionaram dicionários com palavras de origem indígena, histórias em quadrinhos, dramatizações, etc. A partir da leitura do Livro Xácriabá de Plantas Medicinais, professores e alunos plantaram na escola algumas dessas plantas.

Os alunos da E. E. Xucuru Kariri Warcanã de Aruanã escreveram e receberam cartas, visitaram o correio para postagem das mesmas e começamos a registrar as brincadeiras da infância na aldeia através de desenhos, fotografias e escrita para edição de livro que deverá ser publicado pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais.

No dia 18/06/05 os alunos da E. E. Secretário Tristão da Cunha visitaram a escola da aldeia onde fizeram entrevistas sobre: vestuário, moradia, costumes, religião, saúde, participaram de jogos e brincadeiras indígenas, fazendo um inesquecível intercâmbio cultural, houve um almoço de confraternização, sendo tudo registrado com fotografias e vídeo.

Como culminância e encerramento do projeto, no dia 27/08/05 os alunos professores e comunidade da E. E. Indígena Xucuru Kariri Warcanã de Aruanã juntamente com a comunidade indígena visitaram o município de Divisa Nova, onde foram recebidos e homenageados na E. E. Secretário Tristão da Cunha pelos alunos, professores e comunidade que apresentaram o resultado do trabalho desenvolvido. No período da tarde houve apresentação artística do povo Xucuru Kariri e jogos de futebol de salão e campo entre os alunos e comunidade das duas escolas no ginásio poli-esportivo da cidade. O evento mobilizou a comunidade de Divisa Nova, que compareceu em massa para prestigiar o evento.

Se cada um lê com os olhos que tem e interpreta a partir de onde os pés pisam, o indígena cruzou as fronteiras das páginas do livro didático e saltou de carne e osso dentro da escola, recontou sua história, dançou e cantou, não mais como um estereótipo ou souvenir, mas com sua dignidade e cultura numa avenida de mão dupla: de um lado a educação escolar e do outro a educação indígena, uma tentando dialogar com a outra. Um diálogo necessário para que a alteridade possa se estabelecer a partir de uma nova leitura do mundo, onde a educação possa trilhar novos caminhos que possam romper com o que Fernandez (2001) diz:

“O adulto educador que passa vários anos de escolarização e que toma contato com disciplinas pedagógicas que servem de base para sua formação como profissional de magistério, vê-se diante de um referencial teórico para sustentar sua prática com fortes marcas de um ideário burguês nas formas de pensar, enxergar, relacionar com o que está ao redor (que é reflexo do ideário que predomina na sociedade mais ampla) e, no geral, é com esses parâmetros que tenta dar sustentação para o que faz, o que deixa de fazer e como faz e como deixa de fazer.” Este projeto só foi possível graças ao trabalho e à garra da direção, professores e alunos das escolas envolvidas, que acreditam que “estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura (...) sem sonhar (...) sem aprender, sem ensinar(...) não é possível. (Freire, 1997).